

MARIA FREITAS

EMMA, COBRA

E A CRIATURA DA PAREDE





**EMMA.
COBRA
E A CRIATURA DA PAREDE**

Para Koda Gabriel e todos os bissexuais superpoderosos!

Capítulo 1

EMMA

Minha parede é doida!

Não tenho outra palavra para definir o que acontece nesse conjunto de tijolos, cimento e tinta que fica atrás da cabeceira da minha cama. É sério! A parede *fala* comigo. Não consigo entender as palavras, é óbvio, mas dá para distinguir claramente uma voz dentro dela. Quando contei para Nae que a parede falava, minha amiga disse que aquilo provavelmente era meu vizinho conversando com alguém ou falando sozinho.

O problema é que... eu não tenho vizinho.

Minha família mora no fim da cidade. Literalmente é a última casa da rua, na última rua da cidade. E por mais que minha parede seja externa, é impossível que alguém do lado de fora da casa esteja falando comigo. Esse foi o meu primeiro pensamento, sempre que ouvia qualquer ruído, saía correndo para tentar ver se encontrava alguém ali, do lado de fora, brincando comigo. Mas nunca havia ninguém. Porque não há ninguém.

Eu *sei* que é a parede.

Ou alguém preso *dentro* dela.

Não sei como, só sei que é assim!

E que tudo isso aconteceu depois do dia 8 de janeiro, quando aquele maldito objeto estranho cruzou o céu, deixando uma marca rosa no azul clarinho. Aquela marca demorou horas para sumir e, quando sumiu... coisas aconteceram. A última delas foi que, dois dias atrás, minha parede começou a falar.

Ok, ela não fala, *fala!* São apenas ruídos estranhos, como se alguém estivesse muito distante, preso em algum lugar, gritando, arranhando, querendo sair.

Pensar que talvez exista alguma entidade agarrada nos tijolos da minha casa me apavorou no começo. Mas é tanta coisa estranha acontecendo na minha vida ultimamente que quase nada mais é capaz de me assustar. Se for um fantasma? Ótimo! Se eu estiver perdendo o controle da minha mente? Ótimo também.

A professora grita o nome de um aluno e me retira do meu transe. Às vezes, minha mente se perde completamente nessas divagações. Já fui chamada na diretoria quatorze vezes desde que o meteoro caiu. Eu acho um exagero! Sério. Tudo bem que as minhas notas despencaram, mas as notas de qualquer um despencariam se tivesse acontecido o que aconteceu comigo. Fora que continuo sendo uma das melhores alunas dessa escola. Minhas notas baixas são equivalentes às notas altas da grande maioria dos meus colegas.

Mas você não é os seus colegas, minha mãe vive dizendo. E todo mundo nessa escola parece concordar, porque qualquer distração minha é pior do que as bombas que o pessoal do segundo ano vive colocando no banheiro. Eles nunca foram parar quatorze vezes na diretoria, né? Já eu...

Alguém solta uma risada de deboche. E o *timing* me faz acreditar que a pessoa riu de mim. O que não faz sentido nenhum, porque, até onde eu sei, ninguém aqui ouve pensamentos... Se bem que...

Olho para a frente e vejo apenas as lentes espelhadas dos óculos redondos e escuros de Cobra me encarando. Na verdade, eu vejo o meu reflexo neles. Mesmo de longe, vejo meu cabelo rosa se destacando. Eu sempre me destaco com esse cabelo rosa, por isso que o pintei dessa cor.

Cobra está com um sorrisinho no rosto que me faz revirar os olhos. *Garoto estranho... Ah não, não é um garoto! Ah! Pessoa. Pessoa estranha.* Corrijo meus próprios pensamentos e vejo Cobra rir e se virar.

Tenho que admitir que essa mini interação foi completamente anormal. Mas o que é que está normal depois que aquele meteoro caiu? Minha parede

mesmo... Ela fala!

Capítulo 2

COBRA

Há algo muito errado com essa garota.

Os olhos dela estão sempre perdidos. Ela não consegue focar no que a professora diz. Tudo o que pensa é em uma maldita parede desbotada, rachada e cheia de marcas de infiltração. Aposto que os ruídos que ouve são do encanamento velho daquela casa caindo aos pedaços onde mora.

Mas até que é divertido ouvir as teorias malucas que Emma faz. Muito mais divertido do que prestar atenção nessa aula chata.

— História do Brasil é o meu...

— O que você disse, *****? — Esse não é o meu nome, então não é comigo que a professora está falando. O que está *morto* está *morto*, não deveria ser tão difícil assim de entender e respeitar. Ignoro completamente o que ela diz, cruzo os braços e me afundo ainda mais na cadeira. Ela fica me olhando, esperando uma resposta que nunca vai vir. — *Cobra* — corrige meu nome, agora sim eu escuto, e repete a pergunta: — O que você disse?

— Que essa História aí não é a verdadeira... — Aprumo as costas e a encaro, em desafio.

— Nós já conversamos sobre isso, não vamos conversar de novo! — decreta.

— Ok. — Descruzo os braços e relaxo os ombros. Sei que não é culpa dela que os livros que esse governo bosta enviou são um lixo, mas mesmo assim...

A professora vira as costas para mim e começa a escrever algo no quadro. Ninguém anota. Está todo mundo cochichando baixinho sobre assuntos que não me interessam. Todo mundo menos Emma, que continua completamente perdida em si mesma, tentando encontrar uma justificativa para sua parede falante... *Essa garota, sinceramente!* Sorrio e volto a cruzar meus braços, mas não consigo deixar de ouvir o que ela está pensando.

Sei que, se me aproximar mais dela, posso conseguir entrar melhor em sua mente. Só que é arriscado demais. Ainda não sei lidar direito com esse... *poder*. Vai que ela percebe ou me acha mais estranho do que já acha. Vai que ela passa a me detestar mais do que detesta. Ok que a culpa é quase toda minha. Mas, é a Emma, minha (ex) melhor amiga!

E eu tenho que admitir que achei bonitinho ela se esforçar para não ser transfóbica nem em pensamento. Nenhuma outra pessoa aqui faz a mesma coisa. Nem minha mãe. Nem os professores. Ninguém. Nem mesmo as pessoas que dizem ser minhas amigas. Ela respeitou meu pronome no íntimo de sua mente... E pensar nisso faz com que eu me sinta culpado.

Eu não devia ficar ouvindo os pensamentos das pessoas, mas como um bom não-binário fofoqueiro que sou, fico.

Então um pensamento “alto” dela me atinge como um raio.

E se a criatura não estiver necessariamente presa na parede e, sim, em uma dimensão paralela?

— Ou *entre* dimensões paralelas! — ela fala alto. Olho para trás. De onde ela arranca essas teorias?

Emma olha em volta constrangida, os dois coques de seu cabelo rosa se movimentam de um lado para o outro, acompanhando o gesto de sua cabeça. Acho bonito como essa cor combina com o marrom escuro de sua pele. Tudo nela é tão bonito...

Então Emma me encara brevemente e desvia o olhar. Nem ligo. Ninguém consegue fixar os olhos em mim por muito tempo. Acho que meus óculos escuros repelem as pessoas, fazem com que eu pareça misterioso.

Talvez eu seja uma grande incógnita para todos. Deve ser estranho olhar para alguém e não conseguir concluir nada sobre a pessoa. Não que a gente precise ficar concluindo coisas sobre quem não conhece.

Ainda estou olhando para Emma quando ela diz, com sua voz rouca e desaforada:

— O que foi? Perdeu alguma coisa aqui?

É minha chance de me aproximar e (ser antiético) ouvir melhor os pensamentos dela. Então me levanto, arrasto a cadeira para perto de Emma e me sento, colocando os cotovelos sobre sua mesa.

— Quem deixou você colocar seus braços magrelos sobre a minha mesa, Cobra?

Eu os retiro.

— Nossa! Você já foi mais simpática...

A professora faz um “xiu”, mas ninguém fica em silêncio. Eu mesmo nem me abalo.

— E você já foi menos folgado — cochicha, se aproximando de mim. Sinto o perfume doce que vem dela e sou atingido por aquela sensação de vazio e nostalgia. — Cê quer alguma coisa?

Quero perguntar sobre a parede, mas não sei como fazer isso.

— Na verdade, achei que você estava falando comigo antes... — minto, desviando o olhar dos olhos escuros de Emma. Por um breve momento, tenho medo de que ela possa ler mentes também. O que Emma descobriria sobre o que sinto quando estamos assim, tão pertinho?

— Eu não estava — diz, seca.

Reviro os olhos. Não sei por que tento ser simpático. Mentira, sei sim.

— Tudo bem, então! — Eu me levanto e começo a puxar minha cadeira

de volta para o lugar, mas o pensamento dela me faz parar.

Não sei por que ele está tentando puxar assunto comigo agora!

Volto a me sentar.

— Olha, sei que fui muito escroto no começo do ano...

— Ah, jura? — ela quase grita. A sala inteira olha para nós, mas depois todos voltam às próprias fofocas, enquanto a professora segue escrevendo no quadro.

— Me desculpa, ok? Eu só não sabia como lidar...

— Não precisava ter parado de falar comigo do nada, né? — É, a Emma ainda está bolada.

— Foi há meses, Emma! Tanta coisa mudou...

— Mas só agora que seus amiguinhos te viraram as costas que você vem puxar papo comigo, né?

— Isso não é justo! — Eu me levanto, chateado.

— Não?

Fico puto, então grito:

— Eu vim aqui pra te oferecer ajuda com essa sua bendita parede, mas você é muito ingrata! — Ops...

— Você o quê? — Ela arregala os olhos. A sala inteira está olhando para nós.

— Uh, as sapatões estão brigando... — algum garoto diz. Sinto vontade de esfregar a cara dele no piso descascado do pátio.

— Cala a boca! — Grito sem saber com quem.

— Pessoal, o que é isso? — A professora anda até o meio da sala, com os braços abertos. — Minha aula virou bagunça? Vamos copiar a atividade. Ela vai valer cinco pontos.

— O quê? — Todo mundo grita.

— Eu, se fosse vocês, corria. Porque a aula só tem vinte minutos.

Solto o ar e me sento de novo na cadeira. Meu joelho até doeu de tanto me sentar e me levantar.

— Do que você estava falando? — Emma se inclina na minha direção e pergunta baixinho. — Que parede?

Já estou no inferno, vou abraçar o capeta.

— A do seu quarto.

Ela continua me olhando, confusa.

— A que fala, Emma. A parede que fala!

Capítulo 3

CRIATURA DA PAREDE

A cidade é quase a mesma.

Reconheci os blocos da rua principal, a igreja, a farmácia do seu Tico. Mas há muita coisa nova por aqui, muito mais casas e casas com mais andares. Há fachadas de lojas por todas as partes, três lugares, que parecem bares, mas têm placas de igrejas. Não consigo afastar de mim a sensação de que conheço esse lugar com a palma da minha mão e, ao mesmo tempo, me sinto uma forasteira.

Mas até esse sentimento de estar deslocada seria aceitável se... tivesse alguém nessa cidade. Qualquer pessoa. Qualquer uma. No entanto, tudo o que vejo quando olho em volta são as ruas vazias. E estou presa aqui, sem conseguir sair, sem ter como pedir ajuda.

Faço, pela centésima vez, o caminho entre a praça e a última casa da rua (e da cidade), onde eu costumava morar quase uma década atrás, antes da minha tia se mudar e me levar junto. Entro na casinha pequena. Para a minha sorte, ninguém tranca as portas no interior. Não que isso fizesse alguma diferença, pois não há nada aqui também. Nem móveis, nem gente. Só eu.

Passo pela sala, onde minha mãe costumava fazer as unhas das mulheres da cidade, e olho para as minhas próprias unhas. Quando a imagem estática das minhas mãos para um pouco e elas não parecem uma mistura de versões de si mesmas, deslocadas, cheias de ruído, vejo que o esmalte de duas delas já descascou na ponta.

Passo pela porta que leva ao quarto que foi meu. As paredes rachadas e com infiltração poderiam até ser de uma casa abandonada, mas, quando

morei aqui, elas também eram assim. Arrasto as costas pela parede, até me sentar no chão.

Não era para ter dado tudo errado. Não era para eu ser um ruído preso nesse não-lugar, que parece a minha casa, mas não me pertence, e eu não pertenço a ele.

Eu só queria sair daqui.

Capítulo 4

EMMA

Eu odeio esses malditos óculos espelhados que Cobra usa. É como se algo me impedisse de entender o que ele está pensando, como se estivesse se escondendo. O que é irônico, porque, finalmente, ele pode ser ele mesmo.

— Então qual é o plano? — pergunta.

Estamos subindo a rua principal rumo à minha casa. Precisamos andar na calçada, porque está bastante movimentado hoje.

— Não tenho um plano. Você que disse que poderia me ajudar com... meu problema. — Continuo mal-humorada por tudo o que aconteceu no começo do ano e ainda por cima por Cobra se recusar a me contar como é que ele sabe sobre minha parede. Estou presumindo que ele pode ler mentes ou adivinhar coisas e vou seguir achando isso até saber a verdade.

— Ok. — Ele para na minha frente e me encara, me obrigando a parar também. Odeio quando faz isso. — Precisamos conversar sobre o que rolou entre a gente antes de qualquer coisa...

— Discordo. — O empurro de leve e volto a andar.

— Qual é, Emma? Por que você é tão difícil? — Ele tenta me acompanhar, então ando ainda mais rápido, sem esforço algum. *Por que eu sou difícil?* Esse... *ser humano* deve ter uma memória muito curta... — Calma aí, Emma. Me espera! — Ele praticamente corre para andar do meu lado.

Eu paro quando já estamos perto da minha casa.

— Você quer falar sobre o que rolou? Tem certeza? — Duvido que realmente queira. Cobra hesita por um momento, parece que está me lendo. Eu queria saber se essa suposta fotossensibilidade que ele desenvolveu misteriosamente no começo do ano é verdade, ou se ele está escondendo algo por trás desses óculos.

— Eu quero... E também quero te mostrar uma coisa. — Ele volta a andar rumo à minha casa e, depois, vai direto até o meu quarto, que ele sabe muito bem onde fica. Quando passo pela porta, Cobra já está deitando na minha cama.

— Mas você é folgado demais! — resmungo, me jogando na cama ao lado dele.

— Desculpa, é o costume. — Ele se levanta e se senta, de modo a conseguir me encarar.

— Sete meses que você não pisa aqui... E ainda está acostumado?

— Você não faz nem ideia do que rolou comigo... — Cobra começa a perder o tom sereno que sempre me irritou. Reviro os olhos. Ele também não faz ideia do que rolou comigo.

É quando ele franze o cenho, em uma expressão de quem está tentando entender o que acabou de ouvir, que eu entendo...

— O meteoro... — sussurro. *Há quanto tempo você consegue ler mentes, Cobra?*, penso e me levanto, me sentando bem em frente a ele.

— De uma forma limpa, em que consigo saber quem está pensando o quê, há poucos dias. Já os ruídos, que foram ficando cada vez mais fortes, eu ouço desde janeiro.

Dou um tapa no braço dele.

— Você anda ouvindo o que estou pensando? — pergunto o óbvio, só porque não consigo conter a indignação.

— Não posso simplesmente reprimir. Eu tentei e ficou pior. Lembra

aquela semana em que faltei da aula? Mas espera aí... Como você sabia?

— É você que lê mentes, adivinha aí... — digo, ressentida.

— Eu leio mentes, não adivinho coisas. — Ele é um idiota! Reviro os olhos de novo. Não sei como tenho paciência. — Você não me respondeu. Como você sabia?

— O meteoro me afetou também.

— Como?

Não respondo. Um ruído na minha parede prende a minha atenção. E a de Cobra também.

— Você consegue ouvir isso? — Encosto as mãos sobre a tinta branca descascada.

— Sim, mas... não consigo entender direito. — Ele coloca a mão direita na parede, bem ao lado das minhas. — Parece que está longe, não consigo...

Eu me afasto, frustrada, e me jogo de costas na cama. Cobra se deita do meu lado.

— Ouvi você pensando que o ruído às vezes fica mais forte. Talvez eu devesse esperar...

— Aqui?

— Você quer que eu espere do lado de fora? — Ele se vira de lado, apoia a cabeça na mão e me olha.

— Por que você nunca tira esses óculos? — Coloco minha mão sobre a lateral da armação. Parte da minha pele encosta na pele dele. Cobra segura minha mão, pressionando-a de um jeito que não consigo retirá-la. Estamos tão perto...

— Depois que o meteoro caiu, ouvir ruídos não foi a primeira coisa que aconteceu comigo — ele diz, em uma voz fraca, e deixa minha mão livre. Os

sons na parede estão mais fortes, mas eu os ignoro. Sinto o coração acelerar quando puxo os óculos do rosto de Cobra devagar. — Por favor, não se assuste. — Ele está com os olhos fechados, mas vejo algumas manchas amarelo-esverdeadas logo abaixo deles. É por isso que ele usa óculos tão grandes.

— Pode abrir, não vou me assustar — falo baixinho, mas minhas mãos suam.

Ele respira fundo antes de tomar coragem e abrir os olhos. A parte que deveria ser branca está toda preta, e as íris estão da mesma cor das manchas que ele tem nas olheiras: amarelo-esverdeadas. As pupilas não são mais redondas, elas agora são mais finas e esticadas.

— Parece...

— Olho de cobra — ele responde.

Prendo a respiração por um instante. Eu jamais acreditaria no que estou vendo se não fosse pelas minhas pernas.

— O que tem as suas pernas?

Dou um tapa no ombro dele.

— Para de ler minha mente. — Eu me afasto e me levanto.

— Não dá para simplesmente não ouvir o que você pensa. — Ele se levanta também, ficando do meu lado, sem deixar que eu me afaste muito. — Você pensa muito alto!

— O quê? Você é um enxerido e a culpa é minha?

— Eu já disse que não consigo controlar... — Ele coloca as mãos sobre as minhas bochechas e puxa meu rosto de modo a encará-lo. — Mas para de fugir, o que tem as suas pernas?

— Elas estão mais fortes. Talvez não tenha dado para notar a diferença, porque eu sempre fui gorda e...

— Sempre teve uns *pernã*o...

Bato nele de novo.

— Ai. Você quer parar com isso? Dói, tá?

— Agradeça a Deus por eu não ter te dado um chute, vai por mim...

— Então você tem superpernas?

— Nossa, só piora. — Reviro os olhos mais uma vez. — Mas o que esperar de você, né?

— Está me julgando por ter escolhido meu nome por causa dos meus olhos?

Estou.

— Não. — É uma meia verdade. — O nome combina com você.

— Está dizendo que eu sou venenoso ou algo assim?

Apenas sorrio e deixo o (quase) silêncio cair sobre nós. É quando o ruído na parede fica ainda mais forte. Os olhos de Cobra dilatam, então ele coloca os óculos de volta e sussurra:

— Tem alguém aqui.

Capítulo 5

COBRA

Realmente tem uma pessoa presa na parede de Emma. E eu que pensei que tinha estourado toda a cota de coisas absurdas para uma vida inteira.

Estou com a orelha esquerda colada à parede. Emma também, mas já resmungou três vezes que não consegue ouvir nada.

— Não consigo ouvir nada! — Quatro. — O que você está ouvindo?

— Tem uma voz distante, pode ser um pensamento, mas não sei. Parece que a pessoa está se aproximando.

— A pessoa? — Ela se afasta um pouco. — Quem disse que é uma pessoa?

— Pensa como uma pessoa.

— E tá pensando o quê?

— Não sei!

Emma revira os olhos pela centésima vez. Às vezes eu acho que ela não me suporta.

— A gente vai falar sobre o que rolou lá na casa da árvore em janeiro? — pergunto.

— Não.

— Emma...

— Você me beijou e nunca mais falou comigo. Não há nada mais pra conversar.

— Há *muita* coisa pra conversar. Aconteceram coisas, tipo: olhos de cobra, saída do armário, poderes especiais...

— Aconteceram coisas comigo também, Cobra.

— Eu não me afastei porque o beijo foi ruim.

— O beijo *foi* ruim.

— Ai, por que você é tão difícil? — Respiro fundo.

— Só estou dizendo a verdade, ok? Foi um beijo estranho e cheio de medo.

Eu queria dizer que o beijo em si foi ruim, não o que o motivou. Eu queria dizer para ela que a gente poderia tentar de novo até não termos mais medo e o beijo ficar bom. Mas fico calado. Pelo visto, Emma não sente o mesmo que eu.

— Eu fiquei com medo — começo a dizer, mas um barulho forte me faz prestar atenção na parede novamente. — Ela está dizendo alguma coisa...

— Ela?

— A parede.

— Ah.

Não era para ter dado tudo errado, ouço de uma forma bem nítida.

— Acho que a pessoa está presa.

— Na parede?

— Não sei se exatamente *na* parede. Parece que ela, a pessoa, conhece o lugar onde está, mas ao mesmo tempo não conhece, ou não se sente...

pertencente a ele.

— Quê?

— Não sei explicar, mas parece que a pessoa está em um não-lugar.

— Uma dimensão diferente?

Olho para Emma. Sério, de onde ela tira essas ideias?

— Você continua assistindo muito sci-fi, né? — pergunto.

Eu só queria sair daqui.

— A pessoa está presa — constato, agora com certeza.

— Você consegue falar com ela?

— Como assim *falar*?

— Se comunicar, transferir seus pensamentos pra ela...

— Eu não sou o Professor Xavier, Emma! — Encurvo os ombros, frustrado. — Queria muito, mas não faço ideia de como me comunicar com essa pessoa. Se é que é mesmo uma pessoa.

— Você acabou de dizer que é uma pessoa.

— Mas não tenho certeza!

— Tenta, Cobra. Tenta falar com a criatura — ela pede com jeitinho. Não sei se consigo negar alguma coisa para Emma quando ela fala desse jeito (o que é raro).

— Criatura?

— O *ser*. Enfim...

Volto a colocar minhas mãos na parede, repetindo um mantra, na

esperança de que a voz da minha cabeça seja ouvida pela criatura presa do outro lado. Depois de meia hora, me sinto um bobo.

Um bobo cansado.

Minha barriga ronca alto e me derrota de vez. Eu me afasto e me jogo na cama, completamente exausto.

— Já desistiu? — Emma está praticamente em cima de mim, o que não me ajuda em nada a me concentrar.

— Tô com fome. Não tem daquelas tortas de frango que sua mãe faz não?

— Você tem dinheiro pra pagar?

— Para de ser ruim, Emma. Tô aqui pra te ajudar. Uma tortazinha não vai prejuízo pra sua mãe.

— Vai, sim. E você não me ajudou. — Ela se joga na cama do meu lado e se vira para me encarar. — Se você tentar mais um pouquinho, te dou um pedaço.

— Dois. E dos grandes.

— Ok.

— E outra coisa... A gente vai tentar de novo.

— Tenta de novo o quê?

Antes que eu possa responder, um ruído alto, que mais parece um grito, atravessa o quarto. Não sei o que está acontecendo, mas, definitivamente, a criatura do outro lado não está nada bem.

Eu me levanto depressa, pregando o ouvido contra a parede, quando outro grito me atinge. Mas, dessa vez, consigo entender perfeitamente o que está sendo dito.

Por favor, alguém me ajuda!

Capítulo 6

CRIATURA DA PAREDE

Eu ouvi algo. Sei que ouvi. Tem alguém do outro lado da parede. Mas não tenho muito tempo, preciso tentar seguir a voz que parece estar na minha cabeça. Tenho que sair daqui depressa. Eles estão atrás de mim. Não tenho como me esconder nessa cidade fantasma. Preciso de ajuda.

Por favor, alguém me ajuda!

Capítulo 7

EMMA

Eu não acreditei quando a... criatura se materializou no meu quarto.

Cobra sussurrou algo como “ouça a minha voz” ou “siga a minha voz” e, em poucos segundos, uma menina de cabelos ondulados e castanhos, e completamente desfocada, apareceu no meio do meu quarto.

Foi tipo o Noturno de X-Men. Veio do nada.

Mas, diferente do Noturno que é azul, essa menina é só branca. Não tem cauda nem nada do tipo. Se não fosse por essas manchas arroxeadas no braço, eu diria até que não há nada de diferente nela. Tirando, é claro, o fato de não conseguir ficar estável. Juro! Parece que a alma dela fica saindo e voltando para o corpo. É bizarro!

Ela ainda está assustada e acuada no canto do quarto. Cobra tenta se comunicar, mas, até agora, nada.

Demora, tipo, uma meia-hora, sem brincadeira, para alguém realmente falar alguma coisa.

— Quem é você? — Cobra pergunta. A moça se retrai ainda mais.

— Quem são vocês? — A criatura (que agora não está mais presa dentro) da parede devolve.

— Eu sou o Cobra. Aquela lá é a Emma. — Ele aponta para mim e eu dou um tchauzinho com a mão. A criatura não fala nada, apenas respira de um jeito forte e descompassado, parecendo um animal que estava sendo caçado. — Ela *estava* sendo caçada — Cobra fala baixinho, olhando para

mim.

— Eu odeio o seu superpoder — resmungo, e ele faz uma careta. Ai, como odeio esse não-binário! Cobra dá um sorrisinho. — Que é? — Por que ele me tira tanto do sério só de olhar para mim?

— Você me ama, admite!

Pego a primeira coisa que vejo pela frente (um travesseiro) e jogo nele, que começa a rir da minha cara. E, por alguns segundos, até esqueço que tem uma completa desconhecida no meu quarto.

A ex-criatura da parede está olhando para nós dois. Ela tomba a cabeça de lado para nos observar melhor. E eu noto que o espectro inconstante das muitas versões deslocadas dela mesma está mais estável, tanto que consigo vê-la melhor. Ela tem os olhos, todas as partes deles, arroxeados, um roxo fluorescente.

— De onde vocês vieram? — ela pergunta.

— Não viemos de lugar nenhum, foi você quem apareceu aqui. Você estava presa na minha parede — digo, como se isso fosse a coisa mais normal do mundo.

— Presa na... parede? — Ela arregala os olhos. Faço que sim com a cabeça. A garota parece menos acuada. — Mas é o mesmo lugar.

— Como assim? — Cobra se senta na cama, abraçado ao travesseiro que joguei nele, pronto para receber uma explicação.

— É que eu estava nesse quarto, só que não tinha ninguém, não tinha nada. Aliás, não tinha nada na cidade inteira.

— A gente sempre esteve aqui.

Eu hein! Não estou gostando dessa história...

— Não. Não tinha ninguém aqui. — Ela teima. — Eu estava sozinha até eles aparecerem.

— Eles? — Cobra se mexe de um jeito desconfortável na cama. Mas a menina o ignora e começa a andar pelo quarto.

— Nós estamos em que ano? — desconversa, olhando para mim.

— 2020 — respondo, cruzando os braços. Mas o que quero saber é *quem são eles*.

— Mês?

— Setembro.

— Dia?

— É entrevista com a Marília Gabriela por um acaso? — Perco a paciência.

— Nossa, desculpa! — Ela suspira e olha para Cobra, tentando buscar um apoio nele. — Eu só queria entender como vim parar logo aqui, nessa cidade.

— Você já conhecia? — Ele pergunta, com paciência.

— Já, nasci aqui! — Ela se senta ao lado dele. A aparência da menina parece estar estabilizando ainda mais, até as manchas arroxeadas do braço clarearam.

— E você tem família morando aqui?

— Não, mas um amigo meu amigo tem.

— E ele é filho de quem? — Cruzo meus braços.

— Da Ana professora e do Fernando da marcenaria. — A menina me lança um olhar ansioso. Acho que nem ela sabe direito o que está acontecendo. Olho para Cobra. Cobra olha para mim. Eu não conheço essa gente. E, pelo visto, ele também não. — Vocês não conhecem? — Ela começa a ficar desesperada.

— Não. — É Cobra quem responde.

— Talvez vocês não conheçam, mas aposto que a mãe ou o pai de vocês deve conhecer — insiste.

— Acho difícil. O Cobra é o maior futriqueiro da cidade, aposto que conhece todos os cinco mil habitantes.

Ele joga o travesseiro em mim, e dou um sorriso. Mas a menina parece ainda mais angustiada. Ela se levanta e começa a andar de um lado para o outro.

— Estamos em Santa Má, certo? — Tenta. Eu confirmo com a cabeça. — O trisal sertanejo mora aqui?

— Trisal? Que trisal?

— Pedro, Henrique e Cris.

— Amada, o Henrique morreu!

— Quando?

— Sei lá, há uns três anos...

— Morreu não, amor! — ela rebate. — Tá super vivo e fazendo um monte de live na quarentena. A última foi em agosto.

— Quarentena? — Cobra se levanta da cama. — Que quarentena?

— Do Coronavírus... — Ela estreita os olhos roxos-neon.

— Eu disse que ela vinha de outra dimensão... — Cobra se vira para mim.

— Não, você não disse.

— Disse, sim — teima.

Mas, antes que a gente possa começar nossa disputa infinita sobre quem está certo, a criatura solta um grande “ah” no ar.

— Agora faz sentido! — Volta a se sentar na cama. — Estou em outra dimensão. Não é a minha e nem a que eu estava antes, é só uma dimensão muito estranha sem corona e trisal sertanejo.

— Quando você diz *trisal*, você quer dizer *envolvimento a três*? — Cobra parece estar muito interessado no assunto.

— Uhum!

— Meu Deus, eu sempre soube que tinha algo naquela história...

— Ei, vocês dois. — Movimento minha mão de um lado para o outro tentando chamar a atenção deles. — Acho que a gente tem uma parada mais importante aqui para resolver.

— Tudo bem, Emma, mas a gente pode comer aquelas tortas antes? Eu realmente estou com muita fome. Acho que a Patrícia não vai sair daqui...

— Patrícia? Quem é Patrícia, gente?

A criatura da parede levanta a mão.

— Desculpa não ter me apresentado... verbalmente.

— Que seja! — Reviro os olhos e viro as costas. Estou começando a sentir falta da minha parede falante, quando ela era apenas uma parede falante. — Vou buscar as tortas!

Capítulo 8

COBRA

A Emma não está nada feliz.

Acho que ela realmente acreditava que o mistério da parede seria algo mais complicado de resolver, ou algo sombrio que envolvesse criaturas não-corpóreas de outros planetas. Mas, para o azar da imaginação de Emma, é só uma garota que começou a se teletransportar na mesma época em que os nossos poderes e os dela começaram a aparecer.

E eu penso que está muito além da nossa compreensão entender como aquele meteoro nos transformou na nova geração dos X-Men, só que no interior de Minas Gerais.

— Então, Patrícia... — Emma finalmente toma coragem de perguntar o que estava martelando na cabeça desde antes de sair para buscar as tortas. Ela não está confortável sentada no chão ao nosso lado e fica esticando as costas o tempo todo.

— Trix, pode me chamar de Trix. — A menina coloca um pedaço de torta na boca assim que termina de falar.

— Trix... — Se Emma tivesse aberto esse sorriso sarcástico para mim, acho que eu nunca mais voltava aqui. — Você disse algo sobre *eles*... Quem são eles?

— Não sei — Patrícia responde com a boca cheia. Emma olha para mim em busca de uma resposta melhor, mas Trix realmente não sabe de nada.

— É que ela estava presa sozinha em uma dimensão onde não tinha ninguém, e aí eles apareceram — explico, enquanto a moça termina de

mastigar.

Isso eu já sei!, o pensamento de Emma é tão alto que faz minha cabeça doer.

— É um homem e uma mulher — Trix revela. — Eles apareceram do nada, dizendo que podiam me levar pra casa. Mas aí quando perguntei quem eram, eles não pareceram muito amigáveis. Sei lá, você não sai para ajudar alguém com uma arma esquisita na mão, né?

— Eles estavam *armados*? — Emma se encolhe um pouco.

— Os dois. É por isso que fiquei tão assustada.

— E o que você fez? — pergunto.

— Me teletransportei pra casa. Quer dizer, pra *sua* casa. — Ela olha para Emma. — Só que na outra dimensão. E aí comecei a ouvir essa voz na minha cabeça.

— O Cobra.

— Isso. E então, quando eles voltaram a se aproximar, eu só fechei meus olhos, segui a voz e apareci aqui.

— Simples assim? — Emma está desconfiada.

— Sim.

— E por que a gente acreditaria em você?

— Porque é a verdade, Emma — intercedo.

— Que maravilha, então! — Minha amiga se joga na cama, deitando com os braços abertos. — Agora tem duas pessoas armadas atrás da nossa querida criatura da parede...

— Criatura da parede? — Trix estica o pescoço para tentar ver Emma.

— É assim que ela chamava você — explico. — A Emma pensava que você estava dentro da parede dela.

— Ah, que coisa mais sem sentido! — Trix não queria debochar, mas é exatamente assim que Emma entende. Para a minha surpresa, ela não fala nada.

O que é bom, porque o silêncio que fica no quarto é o que permite que eu escute duas pessoas conversando.

— Tem duas pessoas na parede — constato.

— O quê? — As duas dizem na mesma hora.

Eu me levanto e vou até a parede, colocando minhas mãos sobre ela. Dá para ouvir claramente o que as duas pessoas do outro lado estão pensando, o que me assusta um pouco. Eu não tinha ouvido os pensamentos de Trix com tanta precisão.

— O que eles estão dizem... pensando? — Patrícia se ajoelha na cama e coloca as mãos na parede também. Emma continua deitada exatamente onde estava.

— Estão tentando definir o que fazer agora... A mulher acha que pode te rastrear.

— Me rastrear? — Trix arregala os olhos. Acho que eu deveria mostrar a ela meus olhos de Cobra, talvez se sinta mais em casa. Sei como essa sensação de deslocamento a deixa desconfortável, por mais que agora ela esteja muito mais estável nessa dimensão do que antes. Ela parece estar se estabilizando aqui... ao mesmo tempo em que eles parecem estar perdendo o rastro dela.

Não, sua inútil, ela não voltou para casa. Acho que é o homem que pensa isso.

— A moça acha que o aparelho que o homem usa está com defeito. Mas ele tem certeza que você se deslocou para uma dimensão que não é a sua.

Ah...

— O quê? — Trix bate no meu braço, ansiosa. — O que foi?

— Eu acho que eles são tipo uma empresa... Não, uma *associação*. Uma associação que controla as dimensões. *Pensa mais* — sussurro o pedido para a parede.

Como ela chegou lá?, o sujeito está realmente chocado com a habilidade de Trix se mover entre dimensões. O que não é nada bom.

— Não sei se a intenção desse povo é realmente te levar para casa. — Respiro fundo. — Eles não têm pensamentos de mocinhos.

— E como é que eles me rastreiam?

— Acho que seu deslocamento entre dimensões causa alguma distorção no tempo/espço. — Eu me afasto da parede e aponto para a pequena aura arroxeadada em volta de Trix. Minutos antes, dava para ver duas versões dela mesma distorcidas, agora já não dá mais. — E eles têm esse dispositivo que consegue detectar essa distorção.

— Ou seja, não consigo nem fugir, porque eles sempre vão me encontrar.

— Não sei... eu teria que me aproximar mais para ouvir melhor.

— Eu acho que essa parede por si só já é uma distorção no tempo/espço — Emma diz com uma voz grave. — Ela permite que Cobra escute os pensamentos de quem está do outro lado. Até eu, que nem leio mentes nem nada, conseguia ouvir os ruídos que a sua presença lá causava.

— Faz sentido — concordo.

— Seria tipo um portal? — Trix se aproxima de Emma. Pela primeira vez, acho que as duas não vão brigar.

— Mais ou menos. Talvez uma janela? — Ela se levanta e fica sentada de frente para a outra.

Trix acha Emma muito bonita de perto. E está certa.

— Você já viu isso em algum lugar? — pergunto para Trix. Os pensamentos da garota estão muito confusos, mas há algo sobre um portal entre dimensões.

— Meu amigo de infância, Maycon, me ligou uns três meses atrás, dizendo que teve um sonho muito doido onde ele e o namorado viam várias versões de si mesmos em outras dimensões. Não dei muita bola, porque queria mais saber desse namorado dele, porque esse relacionamento era uma novidade pra mim... Mas, não sei.

— Ele deu algum detalhe desse sonho? — pergunto.

— Não lembro, só sei que tinha algo a ver com a casa onde eles moram.

— Talvez não fosse um sonho — Emma diz exatamente o que eu estava pensando.

— Eu devia ter falado para ele sobre o meu poder, mas achei que ninguém acreditaria.

— Te entendo... — Emma volta a se deitar. Trix se deita do lado dela.

— Você também tem poderes?

Me sinto um pouco intrometido por ficar observando a cena, mas... sou futriqueiro mesmo, então fico olhando as duas interagindo de um jeito sociável pela primeira vez.

Volto a colocar a mão sobre a parede quando um pensamento alto me atinge. É da mulher.

Achei.

Capítulo 9

TRIX

Estamos, eu e Cobra, correndo no meio do mato.

Ele fica dizendo que eu preciso me estabilizar. Porém, não faço ideia de como fazer isso. Não sinto que pertenço a esse lugar, mas, quanto mais tempo passo com ele e com Emma, mais me sinto em casa.

Será que é isso? Será que preciso criar conexões?

— Eu acho que sim. — Cobra para um pouco e coloca as mãos sobre os joelhos.

— Cadê a Emma?

— Ela disse que juntaria comida e nos encontraria lá na casa da árvore.

Entendo que eles não querem ficar perto do lugar onde crêem ser mais fácil de me rastrear: a parede de Emma. Mas não sei se fugir de quem quer que esteja me perseguindo vá adiantar alguma coisa.

— E se eles chegarem na casa dela antes? E se pegarem ela? — Minha voz está tão aguda que incomoda até a mim mesma. Não sei se é pelo desespero ou pelo pique da corrida.

— Então coitados deles... — Ele zomba, fazendo uma careta.

— Credo, Cobra, não fala assim! Ela é meio difícil, mas é...

— Bonita — ele completa meu pensamento. Bufo. — Você só constatou o óbvio, Trix.

— Você... gosta dela?

Cobra não responde. E é como dizia a minha mãe: quem cala consente.

Sei que não preciso falar nada, porque Cobra já ouviu meus pensamentos.

— Acho que ela gosta de você também. — Começo a andar, porque não consigo mais correr. Sou sedentária, usava meu poder até para buscar água na cozinha.

Minha sala é conjugada, a cozinha ficava há exatos dois passos do colchão que eu usava como sofá.

— Duvido. — Ele me acompanha. — Tudo o que ela pensa é em como sou irritante e me culpa por ter sumido o semestre inteiro.

— Você *sumiu*?

— Não sumi de verdade, só me afastei dela. Tinha muita coisa acontecendo comigo.

— Talvez a Emma esperasse que você, sei lá, contasse com ela nos momentos difíceis. É o que amigos fazem.

— Ai, essa doeu.

— Eu menti?

— É mais complexo — ele hesita um instante. — Eu beijei ela e corri.

— Você o quê? — Seguro para não rir. — Quem beija alguém e sai correndo?

— Pode rir, sei que foi ridículo. É que eu sabia que não era uma garota e tinha medo da Emma não gostar de mim se eu não fosse uma garota.

— As pessoas dessa dimensão são todas assim?

— Não. Só eu que sou bobo e inseguro.

Bato com meu ombro no dele.

— Eu acho você uma gracinha.

— Estamos chegando. — Ele desconversa, envergonhado, e passa na minha frente. Olho para trás em busca de algum sinal de Emma, mas não vejo nada. Volto a olhar para o caminho que Cobra abre na minha frente.

Ao longe, uma árvore alta, com um tronco grosso, se destaca entre as demais. Diferente do que pensei, a casa da árvore não fica no alto, mas sim no chão, usando o tronco como uma espécie de parede.

— Por que vocês demoraram tanto? — Emma grita ao longe.

— Como ela chegou aqui tão depressa?

— A Emma tem... *superpernas*! — Cobra responde, levantando os braços, completamente empolgado.

O que exatamente ele quis dizer com superpernas?

Capítulo 10

EMMA

Patrícia está há exatas duas horas olhando para as minhas pernas. Não estou brincando, eu contei.

— Além de correr rápido e pular alto, o que mais elas fazem?

Não sei se é uma curiosidade genuína ou se existe algum pensamento impróprio por trás dessa pergunta. Pelo jeito como Cobra ri, eu apostaria na segunda opção.

— É provável que, se eu chutar a sua cara, te mato.

Ela morde o lábio discretamente e Cobra cai na gargalhada de novo.

— Desculpa, é que... estou há cinco meses isolada em casa sem encostar em ninguém.

— Alossexuais... — debocho, sentindo uma pontada de empatia. Não consigo imaginar o que é viver isolada.

Cobra olha na minha direção, depois abaixa a cabeça.

— Ah... — ele diz.

— Ah o quê? — Trix pergunta, curiosa.

— Nada não — Cobra desconversa. — Será que eles conseguiram mesmo te achar, Trix?

— Espero que não.

— Já não dá para ver os seus vultos. E seu olho está quase normal — avalio, me aproximando dela. A parte branca dos olhos não está mais roxa, mas a íris ainda não voltou para a cor normal.

Eu queria ver como eles são de verdade.

— Acho melhor a gente dar um jeitinho de verificar se a Associação está por aí, Emma. Melhor que eu vá — Cobra estica as costas. — Bom que eu trago uns travesseiros lá de casa.

— Se alguém for sair daqui que seja eu, porque vou rápido.

— Peraí, vocês vão ficar aqui?

— Lógico que vamos!

— Por quê?

— E por que a gente não ficaria? — Também estico as minhas costas. Realmente precisamos de alguns travesseiros. E algo para nos cobrir, porque vai esfriar. Costuma ventar muito aqui.

Aquele dia estava ventando muito no seu cabelo, Cobra diz... Não, espera. Cobra pensa.

Eita, não acho que ele tinha a intenção de que eu ouvisse isso.

— Cobra, eu acho que...

Ele coloca o indicador na boca.

— Estou ouvindo alguém.

Está um silêncio absurdo lá fora, só dá para ouvir o barulho do vento batendo nas folhas das árvores. Ficamos em silêncio por alguns minutos. Evito pensar em qualquer coisa, mas quanto mais evito, mais penso.

Sinceramente não sei como alguém consegue não pensar em nada. É impossível. Principalmente em um dia no qual uma pessoa se materializou no

seu quarto vinda de outra dimensão e agora está sendo caçada por uma associação que não deve ter nada melhor para fazer...

— Emma, xiu! — Cobra me dá uma bronca.

— São eles? — Trix se mexe do meu lado.

Cobra demora a responder.

— Não sei. Vou sair um pouco e tentar ver se consigo ouvir melhor.

Não gosto da ideia, mas se Cobra acha que é o melhor a fazer, confio nele.

Patrícia ainda está olhando para mim de um jeito fixo. Normalmente eu me sentiria mal, mas há algo nela que me deixa confortável. Talvez eu tenha me acostumado com a presença dela na minha parede. Ok que só durou três dias e na maior parte do tempo eu pensei que estava enlouquecendo...

— Desculpa estar causando todo esse incômodo.

— Relaxa, você já estava me incomodando antes... — Não era exatamente o que eu queria dizer, mas é assim que sai. Abro a boca para explicar, mas ela sorri para mim.

— Ainda não consigo entender como você podia me sentir, mesmo eu estando presa em outra dimensão.

Devolvo o sorriso, apesar de nunca ter dito nada sobre *sentir* a presença dela. Eu falei sobre ouvir ruídos que eu achava que eram uma voz.

— E eu não entendo como você não saiu de lá antes. Tipo, você disse que fechou os olhos e seguiu a voz do Cobra, por que você não voltou para casa?

— Eu tentei. Tentei muito. Só que nunca deu certo. É que meu poder funciona assim: penso para onde quero ir ou do que preciso e simplesmente vou. Penso que quero uma água? Fecho os olhos e apareço na cozinha.

— E no que foi que você pensou para ir parar em uma dimensão vazia?

— Promete que não vai rir?

— Não.

Ela cruza os braços, mas fala mesmo assim.

— Eu pensei que queria ver meu crush.

Eu ri. É óbvio que ri.

— E foi parar em uma dimensão onde não tinha ninguém? — É sério, não dá para não rir. — Pra mim, isso é mais que um sinal!

— Pensando bem, acho que a pessoa nem era tão crush assim. Eu só estava muito carente. — Ela descruza os braços. — Pelo menos vim parar aqui e conheci vocês.

— Não acho que me conhecer seja algo assim tão legal para compensar os três dias que você ficou sozinha presa em uma cidade fantasma, mas... se você está dizendo...

— Acredita em mim, a cidade fantasma não foi tão pior do que ficar em casa sozinha por meses.

Olho para a entrada da cabana. Nem sinal de Cobra.

— Já está escurecendo...

— Dá para ver que vocês se gostam muito, né? Você e o Cobra.

— Hum, bobagem! — Levanto os ombros. — Ele vacila demais!

— Sei...

— É sério! — Agora sou eu quem cruza os braços.

— Mas, tipo, existe essa possibilidade? De vocês terem algo a mais? —

Ela está bastante interessada no assunto para o meu gosto...

— Bom, levando em conta que eu sou bi e ele também, tecnicamente nada impede. — Quase conto o que rolou entre nós dois. Mas Cobra aparece de repente e anuncia:

— Não são eles.

Suspiramos aliviados, e eu chego a encolher os ombros.

— Então vou lá em casa buscar as coisas pra gente passar a noite. Vou dizer pra minha mãe que vou dormir na sua casa. — Eu me levanto e me viro para Cobra. — Quer que eu passe lá na sua casa e busque algo?

— Não precisa — Sorri.

Sorrio também. Sei que a situação é surreal, mas estou feliz de ter voltado a me aproximar dele. Não aguentava mais ficar olhando para a nuca de Cobra durante a aula, imaginando que minha mão ficaria muito bem ali, ou pensando em como seria bom assistir aquelas séries antigas de nerd que a gente gosta, deitados no chão do quarto dele. E é óbvio que esse enxerido está ouvindo tudo o que estou pensando. Que ódio!

— Seria ótimo, Emma.

Reviro os olhos.

— Você é um ridículo! — Saio batendo o pé forte no chão, o que percebo ter sido uma péssima ideia quando tudo começa a tremer ao meu redor.

— Vai com calma aí... — Ouço Cobra gritar, então começo a correr rápido para poder pensar longe daquele fofoqueiro intrometido.

Capítulo 11

COBRA

Emma está demorando demais.

Tipo, demais mesmo.

Trix anda de um lado para o outro na cabana. Ela já está quase completamente estável aqui, ninguém notaria a diferença entre ela e qualquer outra pessoa. Exceto pelas íris que continuam roxas-neon.

— Como é lá na sua dimensão? — Tento puxar papo para descontraír.

— Uma bagunça. Elegemos um presidente que poderia facilmente ser substituído por um pedaço de cocô.

— Aqui também.

— Mas vocês não têm coronavírus, quarentena e economia quebrada.

— Lamento dizer que temos a economia quebrada. — Escoro na árvore que serve de parede. — Mas eu quero saber da sua vida.

— Não tem nada muito interessante para saber. — Ela finalmente aquietta e se senta. — Minha vida é super comum. Comecei a fazer odonto esse ano, bolsa integral na faculdade. Moro sozinha em uma quitinete ridícula de pequena. Meu único amigo mora com o namorado em outra cidade. Eu e esse namorado dele não conversamos desde que brigamos em 2017. Éramos três amigos inseparáveis. E duvido que alguém realmente esteja sentindo a minha falta.

— Nossa... Mas e os seus pais?

— Meu pai largou a gente e foi embora pros Estados Unidos ilegalmente quinze anos atrás. Eu tinha quatro anos, mal me lembro dele. Minha mãe morreu quando eu tinha nove. Aí eu passei a morar com uma tia, irmã do meu pai, que não via a hora de se livrar de mim.

Não sei o que responder. Trix fala de um jeito tão natural e seco, como se não se importasse com nada disso, mas eu sei que se importa.

— Falei demais, né?

— Não. Eu só não soube o que dizer.

— É que faz tempo que não converso de verdade com alguém. Eu só postava coisas no Twitter e arrumava briga. Às vezes encontrava um crush ou outro para passar o tempo. A quarentena me deixou meio perdida. Era para eu estar aproveitando o primeiro ano de faculdade para conhecer novas pessoas. Mas veio essa porcaria de vírus e cancelou os planos de todo mundo. — Ela coça a cabeça. — Desculpa, eu tô muito nervosa. Cadê a Emma?

— Não sei.

— Você não consegue ouvir ela?

— Não. Não tô ouvindo nada. Só você. E não, não foi um erro você ter vindo pra cá. Nem começa a pensar nisso...

— E se vocês estiverem em perigo? E se essas pessoas forem caçadores de jovens com superpoderes?

— Não que isso vá te consolar, mas acho que eles só estão atrás de você...

— O que não impede de ferirem você e a Emma.

— Para com isso, Trix.

Ouçõ a mente barulhenta de Emma se aproximar. E respiro aliviado por alguns segundos.

É só o tempo de me levantar e ouvir duas outras mentes barulhentas surgirem do nada. Uma espécie de porta arredondada, com um brilho amarelado e inconstante, aparece bem em frente à cabana, do lado de fora.

Trix recua, se apertando contra a árvore.

— Eu falei para você que ela poderia estar acompanhada, não falei, Naro? — a mulher, que surge de dentro do portal, comenta, e recebe um olhar furioso do homem que a acompanha.

O tal Naro se aproxima da porta da cabana, mas antes que possa entrar, Emma para em sua frente. Eu nem vi ela chegar.

— Quem são vocês? — pergunta.

— Não é da sua conta, garota. Agora sai da minha frente que tenho um trabalho para fazer.

— Nossa, e você é muito mal-educado! — Ela reclama.

— Vocês dois. — Ele aponta para Emma e para mim. — Nosso trabalho não envolve vocês, sigam para suas casas.

— E você é minha mãe para me dizer o que eu tenho que fazer? Pois é, não. Então sai você. — Emma não se move nem por um centímetro.

— Naro. — A mulher coloca a mão sobre o ombro do sujeito. — É melhor que a gente converse com esses jovens. — O homem recua a contragosto. — Não estamos aqui para ferir ninguém. Só queremos levar a senhorita de volta para casa — diz, olhando para Trix.

— E quem são vocês? — Patrícia refaz a pergunta que havia feito antes, quando os encontrou pela primeira vez. A diferença é que agora a mulher responde.

— Somos a Associação e trabalhamos para garantir que nenhuma anomalia ocorra no tempo/espço. E você sabe muito bem, mocinha, que não pertence a este lugar! — Ela olha diretamente para Trix. Não gosto do tom professoral na voz dessa mulher, acho que prefiro o sujeito sem educação.

Há algo que não está sendo contado aqui, mas não consigo saber o que é.

— Se eu aceitar ir com vocês, ninguém se machuca, certo?

— Mas é claro que não. Não há motivo para isso.

Eu não gosto desse tom de voz... Não gosto mesmo!

— Para com isso, Trix. Você não vai com esse pessoal esquisito. — Emma intervém, se aproximando de Patrícia, na tentativa de se colocar entre ela e os dois membros da Associação. No entanto, é segurada pelo braço.

— Já demoramos tempo demais aqui, Roberta. — Naro joga Emma para o lado e vai na direção de Trix. — Vamos acabar logo com isso!

Nem Naro, nem eu, nem ninguém esperava que Emma fosse pular sobre as costas dele, o impedindo de se mover.

— Tenho certeza que nós podemos resolver...

— Ai, moça, cala a boca! — Perco a minha paciência, enquanto Emma continua pendurada sobre as costas do sujeito. E, quando ele tenta puxá-la, leva uma mordida na mão.

Chego até a sentir pena do coitado, mas passa logo.

— Essa garota é uma selvagem! — ele reclama.

— O que foi que você disse? — Emma está furiosa, consigo sentir daqui o calor que vem dela. Entre uma piscada e outra, minha amiga chuta Naro de volta para o portal de onde ele veio.

— Jovens, se acalmem! — A mulher ajeita uma mecha de cabelo, se afastando o máximo que consegue de Emma. — Nós somos uma associação pacífica. Não queremos fazer o mal, apenas controlar o distúrbio que você causou. — Aponta para Patrícia, que ainda está encolhida no canto. — Você não quer voltar pra casa?

Não.

Meu coração se parte um pouquinho ao ouvir o pensamento de Trix, porque sei que ele é honesto. Ela não quer voltar. Mas se levanta e vai na direção da mulher.

— O que você está fazendo, Trix? Vai confiar nesse povo? — Emma tenta impedi-la.

— A moça tem razão — Trix fala baixinho. — Não pertenço a esse mundo aqui. Talvez exista uma versão minha perdida por aí. Imagina se um dia eu me encontro comigo mesma? Seria uma bagunça. — Ela para na frente de Emma. — Se ela diz que pode me levar de volta para a minha dimensão, não tenho motivo para não ir. — Trix está tão triste que meu coração se parte. — Gostei muito de conhecer vocês. Se eu fosse desse mundo, quem sabe a gente poderia ser amigo, ou você e suas pernas me dariam uma chance. — Emma sorri. — Enfim, talvez um dia a gente se esbarre por aí... — Ela vira as costas e se aproxima da mulher.

— Não faz isso, Trix — peço. Não quero que ela vá embora. — Se você ficar, a gente pode fazer tanta coisa junto. Pode ver Star Trek... ou um DVD desses sertanejos que você gosta.

Os olhos dela estão cheios de água. Me aproximo para secá-los.

— Esse não é o meu lugar — insiste, e termina de partir meu coração. Poxa, ela está tão triste que essa decisão não parece ser a correta. Tenho quase certeza de que não é a correta.

— Ela quer ir, Cobra. — Emma me puxa para trás. *Não, ela não quer, quase grito. Só está fazendo isso porque acha que é o certo.*

— Tchau, gente. Obrigada por tudo. — Ela vira as costas, sendo guiada pela mulher. Mas, antes de entrar no portal, se vira para nós e diz: — E pelo amor de Deus, parem de bobagem e se beijem logo!

Sorrio, vendo Trix ir embora.

— Eram castanhos — digo, quando a luz do portal some no ar.

— O quê? — Emma pergunta baixinho. Eu me viro para ela antes de responder:

— Os olhos da Trix. Eles eram castanhos.

Capítulo 12

CRIATURA DA PAREDE

Eles mentiram para mim.

Não estou de volta em casa, mas sim em um quarto todo branco, com luzes fortes que não me deixam dormir. Naro me jogou aqui com a brutalidade de sempre, e Roberta saiu sorrindo com aquele ar falso. Descarada, mentirosa!

Eles são mesmo uma associação que tenta controlar o tempo/espço, não permitindo anomalias dimensionais, ou tentando evitá-las. E meu poder é perigoso demais. Bom, foi isso o que me disseram antes de me jogarem aqui.

É óbvio que nos primeiros dias eu tentei me teletransportar. Para qualquer lugar, até mesmo para a dimensão da cidade fantasma. Não tive sucesso. Acho que essa sala é feita com algum material especial.

Em outras palavras: me lasquei.

E ninguém vai me resgatar, como nos filmes, porque ninguém sabe que estou presa sei lá onde no tempo/espço.

Parabéns pelas péssimas escolhas, Patrícia.

Tento, mais uma vez, mandar uma mensagem mental para Cobra, apesar de não fazer ideia de como ele pode me ajudar dessa vez. Mas só ouço o silêncio.

Bom, é isso. Tenho que aceitar que passarei o resto da vida no quarto branco do BBB. Tá feliz, Manu Gavassi?

Penso nas pernas de Emma.

Penso nos olhos de Cobra, que eu nunca nem vi. Por que será que ele não tirava aqueles óculos? Nem tive tempo para pensar sobre isso. Infelizmente agora tenho tempo de sobra.

— Ei... — Olho para uma das câmeras que me vigia. — Tem como você colocar ao menos uma musiquinha? Eu gosto de sertanejo. Pode ser Henrique Carvalho...

Ou será que ele está morto nessa dimensão? Será que eu estou morta em alguma dimensão?

Penso no meu amigo Maycon e no sonho que ele teve, vendo a si mesmo em várias versões. Eu queria me ver em várias dimensões. Na verdade, queria ter continuado lá na casa da árvore com Emma e Cobra.

Eu me deito no chão, com a barriga para cima. Uma boa alma liga uma música do Henrique no sistema de som. Se tivesse como, eu beijaria essa pessoa.

Fecho os olhos com força e me imagino de volta em casa, deitada vendo vídeos no TikTok. Mas minha mente não consegue enxergar direito os detalhes. Tudo parece deslocado, com uma aura roxa-neon em volta. Um vento frio bate no meu rosto, me obrigando a abrir os olhos.

Não estou mais no quarto branco. Ao meu redor, espelhos de tamanhos diferentes me mostram várias versões de mim. Me vejo criança brincando com Maycon e Rafael na mata perto da minha casa, perto de onde fica a casa da árvore de Emma e Cobra. Mas não vejo só eu. Vejo Cobra beijar Emma e sair correndo. Vejo Maycon e Rafael se beijarem deitados no chão em uma casa velha. Vejo meu pai limpando a neve em frente a uma casa grande. Vejo minha mãe andando de bicicleta com sua maleta de esmaltes na cestinha.

— Onde estou? — pergunto para ninguém.

Todas as imagens estão desfocadas e arroxeadas, exceto uma. É uma parede branca, já encardida e com a tinta descascando. Só uma parede.

Aperto os olhos com bastante força, desejando, com todo o meu coração, estar naquela imagem. Vejo as luzes neon roxas me rodearem e me sinto completamente fora de mim.

Não preciso nem abrir os olhos para saber que estou no lugar certo.

As aventuras de **Emma e Cobra** continuam em **Emma, Cobra e a garota do freezer**, publicado exclusivamente para os assinantes do Clube da Maria.

Assine GRATUITAMENTE em www.mariafreitas.com.br

Leia os outros contos da série “**Clichês em rosa, roxo e azul**”

Mas... e se?

E se o cantor sertanejo Henrique voltasse para casa depois de uma temporada de shows e tivesse que aprender a lidar com o novo namorado de sua esposa?

E se esse novo namorado o fizesse se sentir mais em casa do que nunca?

Um corpo de verão

Tudo o que Vanessa queria era aproveitar o fim de semana para se reaproximar da (beijar a) amiga de infância e pegar uma corzinha à beira da piscina. Mas a insegurança de Bia mais afastou do que uniu as duas.

Um livro, uma piscina sem sol e uma música da Taylor Swift serão capazes de colocar os planos de Vanessa de volta nos eixos?

Espero que não perca

Em 1938, Mercedes encontrou Alzira e tentou não se perder dela. Mas, se hoje para duas mulheres ainda é difícil viver um grande amor, imagina em uma época onde os pais ainda definiam o destino de suas filhas?

Amor de janela

Camila está em casa. A faculdade está parada, as ruas desertas, as lojas fechadas. E, em casa, ela vai ter que aprender a conviver com a própria família e com Erick, seu vizinho de janela.

Outra dimensão para nós dois

Maycon é apaixonado pelo amigo com quem divide a república, mas Rafael só quer saber de baladas e relacionamentos sem compromisso. Tudo muda quando os dois se isolam durante a quarentena em uma casa antiga, cortada por uma fenda que os leva a outras dimensões.

Estrela e a Flor

Está frio na noite da festa mais importante para a família de Estrela. E nada faz a fogueira acender. Exceto Flor, uma misteriosa garota de cabelos roxos.

Azeitonas

Cecília está passando a quarentena com o avô, e faz compras para ele e para os vizinhos. Até que, um dia, ela troca as sacolas do avô com as da pessoa que mora no 13b, e acaba virando a garota de recados de dois idosos apaixonados.

As razões de Henrique

Em 2003, quando Henrique foi morar no interior de Minas Gerais, nunca pensou que se apaixonaria tanto... e por pessoas de gêneros diferentes.

Acho que eu fiz uma música

Juan é apaixonado pelo cantor sertanejo João Vinícius desde a adolescência. E, agora, finalmente o rapaz tem a chance de conhecer seu ídolo. Mas, para isso, vai precisar da ajuda de uma garota...

Bregafunk do amor

Há uma coisa que une Ana Cecília, Felipe e Mirela: o amor pelos livros super gays de Mariano Madeira. Agora, os três vão se aventurar em uma estranha viagem para conhecer o ídolo.

Um Papai Noel de outro planeta

Um evento não-natural causou a destruição do planeta de Noa, espalhando pedaços por toda a galáxia. Alguns deles caíram no Brasil, especificamente no interior de Minas Gerais, causando fendas no espaço-tempo.

E agora cabe a Noa consertar o problema!

Enquanto isso, na Terra, Gal está procurando por sua namorada que desapareceu do nada. E vai contar com a ajuda de um estranho Papai Noel para descobrir onde a garota foi parar!

Sobre a autora

MARIA FREITAS é mineira do interior, bi e assexual. É autora de [Cartas para Luísa](#), livro vencedor do Prêmio Mix Literário em 2020, [Sempre estive aqui](#), [As razões de Cris](#) e da série de contos com protagonistas bissexuais, [Clichês em rosa, roxo e azul](#), que, juntos, já foram baixados mais de 75 mil vezes na Amazon.

www.mariafreitas.com.br

Instagram: [@mariafreitaslivros](#)

Twitter: [@themarkiafreitas](#)

Faça parte do [Clube da Maria](#), uma newsletter GRATUITA com histórias exclusivas, brindes, descontos, novidades e muito mais. Ah, e tem também a versão Premium: <https://apoia.se/clubedamaria>.

MARIA FREITAS © 2020

Esta é uma obra de ficção.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sem a autorização
prévia da autora.

Leitura Sensível: Koda Gabriel

Ilustração de capa: Victor Coelho

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F862 Freitas, Maria

Emma, Cobra e a criatura da parede / Maria Freitas

São João do Manteninha/MG, 2020.

1. Ficção Brasileira. 2. Literatura Brasileira. I. Título.

CDD: B869

Todos os direitos desta publicação reservados à
Maria Madalena de Freitas Souza

www.mariafreitas.com.br